

O PERCURSO INTERPRETATIVO DE *O RESTO É SILÊNCIO* *EL RECORRIDO DE INTERPRETACIÓN DE LA NOVELA O RESTO É SILENCIO*

Luciana Boose Pinheiro¹

RESUMO: A obra literária, depois de publicada pelo autor, já não lhe pertence, pois ganha o mundo pelas interpretações dos leitores. Os críticos literários, aqui tratados como leitores especializados, desempenham importante papel na valoração e na significação da obra a partir de suas avaliações. Talvez, isso justifique a perenidade da obra de arte literária e também sua capacidade de ressignificação, aliada à genialidade do escritor. Este artigo busca descrever o percurso literário da obra *O resto é silêncio*, do escritor cruz-altense Erico Verissimo desde o seu lançamento até a década de 1990 a partir da recepção da crítica literária. Situada em posição intermediária na produção de Erico, suportou a sombra projetada pelo *O tempo e o vento* e tomou independência interpretativa como esse estudo denota.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária. Erico Verissimo. *O resto é silêncio*.

A literatura de Erico Verissimo, no decorrer de sua produção, revelou fases diferenciadas, passando pela prosa de ficção urbana e histórica até o memorialismo e originando estudos de várias vertentes teóricas da crítica literária. *O resto é silêncio* situa-se, entre a produção do escritor, numa fase de reflexão quando viajou para os Estados Unidos no início da década de quarenta. A escrita dessa obra se deu entre os anos de 1941 e 1942 e o lançamento ocorreu entre os meses de dezembro de 1942 e janeiro de 1943, conforme anúncios da época encontrados na *Revista do Globo*.

No ano de 1945, *O Resto é silêncio* teve sua primeira tradução. Segundo anúncio encontrado na Revista do Globo, a Editorial Rosário, por tradução de Matilde de Elia de Etchegoyen publicou a versão castelhana sob o título *Lo demás es silencio*. A segunda para a língua inglesa em 1946, por L. C. Kaplan, publicada em Nova York. No ano de 1949, por tradução de Ettore de Zuani, os italianos leram *Il resto é silenzio*. Em 1956, a versão americana foi publicada em Londres e em 1967 foi traduzida para o húngaro por Szalay Sándor. Dois anos depois foi reeditada em inglês e em 1980 em húngaro. O romance foi o segundo traduzido da obra de Erico a uma língua estrangeira, depois de *Olhai os lírios do campo*, que teve sua versão em espanhol no ano de 1940, sendo reeditado em português mais de vinte e quatro vezes.

O resto é silêncio conta a história de uma moça que cai do alto de um edifício do centro de Porto Alegre ao entardecer de uma sexta-feira da paixão. Sete pessoas assistem a queda: um desembargador aposentado, um vendedor de jornais, um ex-tipógrafo, um homem

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS e Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRGS. Professora de Literatura da UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. lucianabp@ufcspa.edu.br. *Revista Literatura em Debate* V.3, n.4, p. 99-108,2009

de negócios, um advogado, a esposa de um regente de orquestra e um escritor. Essas testemunhas, perplexas e assustadas, percebem a transitoriedade da existência e a partir do ocorrido passam a analisar suas próprias vidas. A história desenrola-se cronologicamente entre o crepúsculo de uma Sexta-feira da Paixão e o Sábado de Aleluia. O espaço é o da cidade de Porto Alegre, do centro, e bairros dos arredores, como Menino Deus, Petrópolis e Moinhos de Vento.

O leitor do romance é orientado no universo do texto por uma sucessão de histórias iniciadas, interrompidas e retomadas que configuram uma rede de relações entre as personagens, centrada na figura do escritor Tônio Santiago, como ponto de intersecção que tenta desatar os fios da meada que a morte de Joana Karewska se tornou.

Do trajeto de escrita ao lançamento e até os dias atuais, essa obra de Verissimo teve, entre uma edição e outra, um intervalo de aproximadamente cinco anos, sendo considerada uma das mais lidas do escritor gaúcho. Esse fato é confirmado tanto em números estatísticos, como os das tiragens das várias edições, quanto na produção crítica a respeito da obra, que desde seu lançamento tem sido apreciada por seus leitores especializados.

Sejam estudos de cunho impressionista ou de base sociológica ou com outra fundamentação teórica, pode-se perceber a variedade de pontos de vista dos críticos e suas respectivas convicções a respeito do romance *O resto é silêncio*. Por ser uma obra de ruptura e ao mesmo tempo de inauguração de uma nova fase literária do autor, a crítica preocupou-se em destacá-la desde o seu lançamento, sob ângulos variados e perspectivas de leitura diversas.

Primeiramente, a obra foi combatida por um grupo de religiosos conservadores, em 1943. A revista escolar *O Eco*, do então Ginásio Anchieta, publicou um artigo escrito pelo padre Leonardo Fritzen, que adjetivou o romance de sujo e imoral. A polêmica gerada pelo artigo na época suscitou a revolta dos intelectuais e de Erico, que moveu um processo contra o jesuíta. Jornais de todo o país acompanharam e relataram o fato passo a passo, pois era preciso defender a liberdade de expressão dos escritores.

Duas décadas após seu lançamento, o panorama já era outro. As faculdades de Letras começavam a formar jovens críticos, que atuavam principalmente em Porto Alegre, na universidade e nos jornais, escrevendo sobre literatura e dedicando muitos artigos à obra do escritor gaúcho. Dos acadêmicos da década de 60, mais tarde se destacariam estudiosos como Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini, Flávio Loureiro Chaves, Maria Helena Martins, Sergius Gonzaga, Ana Mariza Ribeiro Filipouski e Antônio Hohlfeldt, entre outros. Das análises de *O resto é silêncio*, fixou-se então a concepção de que se tratava de uma visão humanista, impregnada de compromisso social, de personagens-tipo, que tinham como maior

símbolo a figura de Tônio Santiago. A partir desses estudos também passou-se a considerar *O resto é silêncio* uma obra significativa dentro da produção literária do escritor por representar uma ruptura com o estilo das anteriores e o embrião da criação da trilogia *O tempo e o vento*, por conta da cena final no teatro em um concerto de prelúdio à saga dos Terra-Cambará.

A edição de 1966 foi especial para a trajetória histórica do romance por ter acrescido a ela um prefácio escrito por Verissimo, no qual faz um depoimento sobre o seu processo criativo ao mesmo tempo que analisa sua obra vinte e três anos depois do lançamento de sua primeira edição. Nesse texto, Erico manifesta sua autocrítica, ao avaliar recursos estilísticos e de conteúdo para a composição do romance e ao confessar que certos elementos estavam ausentes em *O resto é silêncio*, tais como o uso do tempo ou o aprofundamento da caracterização das personagens.

Nesse período, em 1968, e em homenagem já aos 25 anos de existência de uma obra que originara tanta polêmica, a Editora Globo, na sua revista de divulgação literária Preto e Branco, relembra a trajetória mesma do romance, desde seu lançamento, afirmando que “repetiu o sucesso de *Olhai os lírios do campo* e *Saga*” (p. 11), escritos antes de Erico morar nos Estados Unidos. A resenha afirma que:

de regresso a Porto Alegre, Verissimo pôs-se novamente em contato direto com a atmosfera da capital, recortou diversos tipos da realidade e entrelaçou-os com personagens imaginários, analisando suas vivências íntimas e seu relacionamento conflituoso com um mundo que os envolve e coloca em questão suas convicções e escalas de valores (PRETO E BRANCO, 1968, p.11).

O texto ainda trata da linguagem, que preenche a obra de expressividade, referindo a frase pronunciada por Hamlet, inspiradora do título *O resto é silêncio*. Narra o enredo da obra e relembra a sua oitava edição, lançada em 1966. Mais tarde, na década de 1970, surgiram estudos de cunho comparativista entre a obra de Erico e a de Aldous Huxley, principalmente pelo fato de o autor de *Caminhos cruzados* ter traduzido o *Contraponto* do escritor inglês. Esses estudos geraram um debate intelectual na tentativa de medir influências e de discriminar os aspectos convergentes e divergentes da obra desses escritores.

As décadas de 80 e 90 tomaram um novo rumo nos estudos do romance. Surgiram análises relacionando história e literatura na obra do escritor gaúcho, bem como estudos de cunho geneticista e de criação literária. Lendo-se as análises existentes a respeito da literatura de Verissimo, ressalta a preocupação de seus estudiosos em classificá-lo como humanista e profundo defensor das causas que ele julgava importantes. Por esse motivo, predominam

estudos de caráter sociológico, na medida em que há uma busca constante na crítica em identificar sua ideologia.

Na verdade, essa atitude dos críticos, aliada a tentativas de classificar o escritor como engajado ou alienado ou outro, conforme a mentalidade predominante da época requeresse, justificava a desconfiança declarada do escritor em relação a seus leitores intelectuais. Numa entrevista a Clarice Lispector para a revista *Manchete*, no ano de 1967, Erico declara o incômodo que lhe causava a leitura desses críticos:

Erico, por que você acha que não agrada aos críticos e intelectuais? Para começo de conversa, devo confessar que não me considero um escritor importante. Não sou inovador. Nem mesmo um homem inteligente. Acho que tenho alguns talentos que uso bem... mas que acontece de serem os talentos menos apreciados pela chamada “crítica séria”, como, por exemplo, o de contador de histórias. Os livros que me deram popularidade, como *Olhai os Lírios do Campo*, são romances medíocres. Nessa altura me pespegaram no lombo literário vários rótulos: escritor para mocinhas, superficial, etc. O que vem depois dessa primeira fase é bastante melhor, mas, que diabo! Pouca gente (refiro-me aos críticos apressados) se dá ao trabalho de revisar opiniões antigas e alheias. Por outro lado, existem os “grupos”. Os esquerdistas sempre me acharam “acomodado”. Os direitistas me consideram comunista. Os moralistas e reacionários me acusam de imoral e subversivo. Havia ainda essa história cretina de “Norte contra Sul”. E ainda essa natural má vontade que cerca todo o escritor que vende livro, a idéia de que best-seller tem de ser necessariamente um livro inferior. Some tudo isso, Clarice, e você não terá ainda a resposta satisfatória a sua pergunta. Mas devo acrescentar que há no Brasil vários críticos que me levam a sério, principalmente depois que publiquei *O tempo e o vento* (LISPECTOR; VERISSIMO, 1967, p. 52-53).

Mas não só de aversões ou discordâncias intelectuais vivem os críticos de Erico. Há, no conjunto de sua fortuna crítica, estudos muito comprometidos em desvendar, através de seus diversos pontos de vista teóricos, formas de leitura que não almejam outra coisa senão apreciar a produção do escritor. Elogiada ou criticada, *O resto é silêncio* mantém, até hoje, um vínculo estreito com seus leitores, que, críticos ou leigos, tornam sua leitura cada vez mais instigante e atual.

Através da leitura e descrição das avaliações dedicadas a *O resto é silêncio* entre as décadas de 1940 e 1990, podemos constatar que há mais semelhanças do que diferenças nas opiniões e interpretações dos leitores especializados da obra de Verissimo. Sobre a obra aqui tratada, podemos observar um movimento social na sua interpretação. Os críticos são unânimes em destacar o caráter humanístico na composição, que fica muito evidente a partir do romance narrado por Tônio Santiago. A popularidade no estilo do escritor é marcada pela simplicidade dos tipos criados, o que revela a profunda empatia e identificação com o público leitor.

Sobre a recepção da obra, os críticos destacam a diferença da escrita e do estilo de Verissimo e Huxley, na medida em que os leitores mais desavisados permanecem na ideia de Erico plagiar o escritor inglês. Numa análise mais aprofundada, são constatadas as diferenças entre os dois romances. A técnica contrapontística, segundo os intérpretes de Verissimo, não passa de um instrumento de trabalho, sendo o que mais os diferencia a forma como retratam as relações e o enredo de suas obras. Enquanto Erico preocupa-se em destacar os mais díspares setores sociais, Huxley, por outro lado, enfatiza somente a classe burguesa e sua erudição. Um outro aspecto ainda sobre a literatura de Verissimo e a huxleyana é o espaço de interação com o leitor existente na trama da narrativa, que se torna mais evidente em Verissimo.

Sobre as personagens, os críticos atentam, por um lado, à preocupação do autor de *Clarissa* em estudar as relações possíveis entre as personagens, conferindo-lhes verossimilhança; e, por outro, a ausência de uma análise psicológica mais aprofundada dos tipos que cria. Para eles, Erico é muito mais um sociólogo que um psicólogo em sua composição. Ainda sob esse aspecto, podemos ressaltar o estudo das reações dos indivíduos, transpondo o fato de presenciar a morte para uma reavaliação de suas vidas e de seu comprometimento social, não sendo a morte o único elo entre as personagens, mas retratando esse fato em seu efeito.

Quanto à comparação do percurso da literatura verissimiana de *Caminhos cruzados* a *O resto é silêncio*, os leitores interpretam a última criação como uma superação da primeira. Esse fato é comprovado ao salientarem o modo de entrelaçamento das personagens nos dois romances e o conseqüente aprimoramento da técnica contrapontística. Essa mudança está marcada, para eles, principalmente no estudo das relações das personagens e na capacidade de engendramento das histórias, representado pela diminuição significativa do número de capítulos de uma obra para outra.

Nesse sentido, os artigos deixam transparecer o aperfeiçoamento tanto do escritor quanto da análise e leitura dedicadas à obra: os críticos ressaltam o amadurecimento de Erico como escritor, a uniformização do estilo e a densificação de suas tramas. A importância do romance é vista na medida de seu engajamento social, tendo o realismo como oposição às teorias moralistas da década de trinta e como um alerta à pluralidade dos indivíduos e sua capacidade de consciência social.

Sobre a leitura efetuada em relação às personagens do romance, os críticos evidenciam a figura de Tônio Santiago por diversas razões. Uma delas é a capacidade de

comprometimento social da personagem, seu conteúdo em termos de composição, porque representa o único indivíduo que se preocupa com a vítima e reconhece a importância moral daquele possível suicídio. Essa hipótese é confirmada por Verissimo no prefácio de 1966, quando declara ser Tônio seu alter ego, o que determinou a seus leitores que voltassem uma atenção especial a essa personagem.

Finalmente, os leitores reconhecem a transformação do processo criativo de Erico em *O resto é silêncio*, situando essa obra como marco no momento de transição nas concepções do autor sobre o romance, sua composição e seu compromisso. Os leitores especializados de Erico preencheram as lacunas de indeterminação, nomenclatura postulada por Wolfgang Iser, guiados por suas orientações teóricas somadas aos horizontes de leitura nos quais se encontravam. É, portanto, a partir do estudo das interpretações dedicadas ao escritor, submetidas a uma imersão nos seus horizontes de leitura, que podemos encontrar possíveis razões de permanência e validade de *O resto é silêncio*.

A sua permanência, se verificada através do nível de interação desse romance com o leitor, é comprovada pelas leituras da crítica literária, que valorizam de forma diferenciada alguns aspectos, mas privilegiam outros uniformemente, leituras que se exercem de acordo com os pontos de indeterminação do texto e em harmonia com as orientações teóricas sobre as quais se basearam esses leitores para suas leituras.

A variação das interpretações da obra possibilita que o texto mantenha um potencial de ressignificação em aberto. Mas sua pluralidade de significados, num determinado momento da trajetória literária de Verissimo é abalada pelo fato de haver leituras que desvalorizam o romance. Principalmente, após o lançamento de *O tempo e o vento*, os leitores entenderam o final de *O resto é silêncio* como a célula embrionária da criação máxima de Verissimo. Durante bom período, a interpretação da obra fica adormecida, como se verifica pela ausência (pelo menos presumível) de uma análise crítica na década de 1960.

A dependência temática criada pela crítica desse romance em relação a *O tempo e o vento* volta a ser discutida e revisada pelos leitores especializados na década de 1970, quando os críticos se preocupam em dar uma orientação sociológica a sua leitura. Esse enfoque ressuscita a atenção a *O resto é silêncio*, de forma que vem a cristalizar-se independentemente depois da volta a uma interpretação preocupada em destacar a origem dos planos composicionais de *O tempo e o vento*, como afirma Regina Zilberman no artigo intitulado “*O tempo e o vento: história, mito e literatura*” para a revista acadêmica *Letras de Hoje*: “O projeto da narrativa histórica começou a esboçar-se ainda na década de 30 e antecedeu a

produção de dois romances voltados à apresentação da vida contemporânea, um deles destinado à discussão dos problemas políticos do tempo” (ZILBERMAN, 1986, p. 65).

Zilberman refaz a história dos planos de composição de uma narrativa histórica que se consolidou em *O tempo e o vento*, descartando a idéia de que somente com *O resto é silêncio* Erico Verissimo teria tido a ideia de escrever seu romance histórico. Dessa forma, Zilberman descarta a possibilidade de dependência de uma narrativa a outra anterior, citando passagens de livros e conferências nas quais Verissimo revela a intenção dessa escrita já na década de trinta. Na sequência de seus apontamentos, a crítica, entretanto, pondera que “se a ideia germinava na cabeça do ficcionista, ela não toma forma antes de 1945, isto é, sem que ele tivesse passado pelas experiências literárias de *Saga* e *O resto é silêncio*” (p. 65).

As considerações de Zilberman vêm questionar a tese de ser *O resto é silêncio* o embrião de *O continente* como alguns leitores de Erico costumam apontar. Pelo contrário, a autora destaca a permanência do romance enquanto experiência literária, o que garante sua independência e validade, reforçadas pelo fato de Erico já ter revelado planos, anteriores ao final de *O resto é silêncio*, de escrever algo importante sobre a saga do Rio Grande do Sul.

Outra forma usual de desvalorização efetuada pelas leituras da obra é a comparação de Erico com Huxley pelo fato de tê-lo traduzido. A partir das leituras e das descrições dos críticos, a própria comunidade leitora descarta essa posição equivocada, uma vez que Verissimo lida diferentemente com a técnica contrapontística, acrescentando-a não só à estrutura de seu romance, mas também à construção da sociedade urbana.

A discussão sobre a validade literária de *O resto é silêncio*, como percebem seus críticos, não deve ser pautada pelas perspectivas de dependência pelo fato de anteceder a criação considerada maior do escritor gaúcho e tampouco pelo estabelecimento de uma comparação com uma de suas traduções. Ao contrário, como as leituras dos críticos demonstram, *O resto é silêncio* é irrigado por significações que se desdobram e se completam na trajetória de leitura da obra. Esse pensamento é reforçado quando, através de uma análise mais cuidadosa e interessada, os leitores revelam, através do preenchimento das lacunas de indeterminação, a plurissignificação que permeia a obra.

A constante renovação das significações da obra é captável através das declarações da crítica, que demonstram o amadurecimento do autor, a riqueza temática, o planejamento consciente, a inovação estilística, que tem seu maior expoente na introdução do diálogo como recurso estrutural, o trabalho de composição das personagens, não percebido na sua literatura anterior. É essa valoração diferenciada e comprometida, que por si mesma isola *O resto é*

silêncio de qualquer tentativa de torná-lo dependente de outro romance de Erico, embora qualquer outro guarde similitudes com as demais.

O resto é silêncio representa, ao contrário do que pensam alguns de seus leitores, um marco na carreira literária do escritor gaúcho, pelo fato de ser o momento mais importante sob o ponto de vista de maturidade composicional de Erico, mas não pelo fato de anteceder sua criação máxima. A teoria de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço se consolida com a avaliação crítica desse romance e de *O continente*. Na verdade, cada romance, pela sua própria fábula, tem o seu espaço garantido na imaginação dos leitores. Se estes estabelecem ligações intertextuais, isso não invalida a autonomia de cada texto.

Nesse ponto, deve-se refletir sobre o papel do crítico no processo de recepção e valoração de um romance. A crítica literária hoje compõe um dos ramos aplicados da Teoria da Literatura. É através da crítica, fundada em princípios teóricos, que são emitidos juízos de valor acerca do texto literário. O crítico, melhor equipado que o leitor comum, por possuir um olhar científico, apurado, tem sua parcela de responsabilidade acrescida porque legitima certos valores.

A recepção de *O resto é silêncio*, conforme se percebe na sequência temporal de sua valoração, é polêmica, e ao mesmo tempo sensata, ao reconhecer, ao contrário da opinião de alguns, o valor isolado da obra por sua estrutura inovadora dentro da produção literária de Verissimo. É verdadeira a resistência da crítica, num determinado momento da carreira do gaúcho, em relação a sua obra. Os leitores especializados consideravam sua literatura um tanto singela e pouco densa, mas essa posição é justificada por uma situação generalizada do panorama da crítica como um todo.

Um outro componente da avaliação crítica é o efeito dominó das interpretações acerca de uma obra ou de um escritor. Quando do lançamento de *O resto é silêncio*, houve a primeira impressão deixada pela crítica do padre Fritzen rebatida pela comunidade intelectual da época. No caso das leituras mencionadas sobre o romance, percebemos uma uniformidade na valoração da obra verissimiana a partir da avaliação sociológica de Antonio Candido, quando denotou o caráter e o compromisso com o social vocificados pela figura do narrador.

O fato de a comunidade crítica seguir a um primeiro padrão de interpretação uniforme garante o elemento fixo e imutável na significação do texto caracterizado na estética da recepção por Jauss por “juízo dos séculos”. Mas seria inocente dizer que o fato de propagar um reconhecimento a *O resto é silêncio* como o de embrião de *O tempo e o vento* não justifica esse elemento, mas, sim, caracteriza uma despreocupação dos avaliadores em analisar a tradição crítica a respeito de uma obra literária. O efeito de tal espécie de valoração é o

dominó, porque se repete uma informação com base numa interpretação anterior sem se verificar se ela é condizente ou não.

Esse tipo de crítica perde seu valor enquanto meio de propagação da leitura e de reconhecimento da arte literária, como podemos verificar através de alguns dos pronunciamentos sobre a literatura do escritor gaúcho. A leitura comprometida do crítico literário sobre *O resto é silêncio* revela a validade de Erico como escritor, que é garantida não somente pelas análises, mas pela constante publicação de suas obras até hoje, sem considerar o fato de ter sido o único escritor brasileiro, ao lado de Jorge Amado, a viver de literatura no Brasil nos anos 40.

Diz-se que um dos pontos de desvalorização da literatura de Erico foi o fato de seu maior público leitor se encontrar no universo feminino nas décadas de trinta e quarenta, fator que teria dificultado o reconhecimento pela crítica, conforme aponta Maria Eunice em seu artigo. Pode-se rebater esse preconceito discutindo a alegada simplicidade que alguns críticos veem em sua obra, pondo em dúvida seu valor como escritor. Na verdade, principalmente em *O resto é silêncio*, o defeito do compositor é retratar suas criaturas com tal verossimilhança que seus romances se impregnam dum realismo quase sufocante, o que intriga a comunidade letrada, uma vez que a literatura de Verissimo é símbolo de uma nova proposta em relação à literatura produzida no Rio Grande do Sul até 1930.

Talvez a fuga de Erico a essa leitura simplista de seus romances tenha sido auto-intitular-se contador de histórias, declaração que pode ser vista como uma resposta coerente e sensível a seus críticos. Ele não dependia, como até hoje não depende, da valorização da crítica para seus romances serem lidos, mas a questão que buscamos discutir aqui é a forma como foi compreendido o romance por uma parcela privilegiada de leitores no decorrer de sua trajetória. *O resto é silêncio* é o divisor de águas da literatura verissimiana, não pelo fato de anteceder a obra-prima do escritor gaúcho, mas por encerrar num único volume e sob um único enredo tipos, vidas, história, caricatura e maturidade composicional com uma felicidade antes não encontrada em sua literatura.

Ao final da descrição das interpretações desse romance de Verissimo, percebe-se que as considerações dos críticos traduzem Erico Verissimo e *O resto é silêncio* para o público leitor como agentes comprometidos e empenhados em propagar a cultura e a humanística a outros leitores. O resto, ao contrário do título de Verissimo, serão outras leituras, novos sentidos a povoarem a memória e a vida daquele que se dedicam a ouvir, ler e contar histórias.

RESUMEN: La obra literaria, después de publicada por el autor, ya no le pertenece, pues gana el mundo debido a las interpretaciones de los lectores. Los críticos literarios, en el presente ensayo, considerados como lectores especialistas, juegan importante papel en la valoración y la significación del texto literario a partir de sus evaluaciones. Quizás, ello justifique la permanencia de la obra de arte literaria y también su capacidad de resignificación. Así, este artículo busca describir el trayecto literario de la novela O resto é silêncio, de Erico Verissimo, desde su publicación hasta la década de 1990, bajo la recepción de la crítica literaria. Ubicada en posición intermedia en la producción de Erico, dicha novela soportó la sombra proyectada por O tempo e o vento y se independizó interpretativamente como busca mostrar el presente estudio.

PALABRAS CLAVE: Crítica literaria. Erico Verissimo. O resto é silêncio.

REFERÊNCIAS

- FRITZEN, Leonardo. Getulinho Vargas. *O Eco*, Porto Alegre, n.2, fev. 1943, p.42-46.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Trad. Maria Ângela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Série Traduções, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. *História literária como desafio à ciência literária: literatura medieval e teoria dos gêneros*. Porto: Livros Zero, 1974.
- LISPECTOR, Clarice. *Não sou profundo, espero que me desculpem*. Rio de Janeiro: Manchete, 1963, p.52-53. (ALEV 03e0199-63).
- PINHEIRO, Luciana. *A recepção crítica de O resto é silêncio, de Erico Verissimo*. 170p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- PRETO E BRANCO (ALEV 09b0396-68).
- VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. 22. ed. Porto Alegre: Globo, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, mito e literatura*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 20, set. 1986.